

Os prós e os contras
de nunca esquecer

Os prós e os contras de nunca esquecer

Val Emmich

Tradução de Carolina Selvatici



Copyright © 2017 by Val Emmich
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC
e Agência Literária Riff.

TÍTULO ORIGINAL
The Reminders

PREPARAÇÃO
Carolina Rodrigues

REVISÃO
Milena Vargas
Victor Almeida

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E46p

Emmich, Val, 1979-

Os prós e os contras de nunca esquecer / Val Emmich ; tradução
Carolina Selvatici. - [1. ed.]. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.
320 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: The reminders
ISBN 978-85-510-0369-5
ISBN 978-85-510-0361-9 [ci]

1. Beatles (Conjunto musical) - Ficção. 2. Ficção americana. I.
Selvatici, Carolina. II. Título.

18-50553

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Jill, a única

É preciso força para lembrar, outro tipo de força para esquecer, e um herói para fazer as duas coisas.

James Baldwin

I'd give you anything I've got for a little peace of mind.

John Lennon

Os mais lembrados da História
(números de anos lembrados)

- Jesus (1.980)
- Joana d'Arc (582)
- John F. Kennedy (50)
- John Lennon (33)

* Todos começam com a letra J!

Come Together

1

Meu pai se esqueceu de mim.

Estou esperando com o violão nos degraus duros e tem uma formiga no meu tênis. Ela é bem pequenininha, mas eu preferia ser isso, uma coisa pequenininha que ninguém nota, a ser uma menina de verdade que todo mundo vê, mas que não merece ser lembrada.

A Srta. Caroline está esperando comigo. O homem do carro está pronto para levá-la para casa, mas ela não pode ir embora antes de mim.

— Vou tentar ligar de novo para o seu pai.

Ela só tem que apertar o botão de rediscagem porque já ligou para o meu pai e deixou um recado. Depois de um minuto em silêncio, ela afasta o telefone da orelha e fala com uma voz muito gentil:

— Não se preocupe, Joan. Tenho certeza de que ele vai chegar logo.

Ela está sendo muito legal, o que só me deixa mais envergonhada. A única coisa boa nessa história toda é que hoje foi minha última aula de Apresentação Musical e, assim que meu pai me pegar, nunca mais terei que ver a Srta. Caroline de novo.

— Que horas são? — pergunto.

— Quase cinco — responde a Srta. Caroline.

A aula terminou às quatro e meia. Meu pai e eu geralmente estamos no carro às quatro e quarenta.

— Desculpa.

— Esquece, Joan.

Mas eu não consigo esquecer. Esse é o problema. Não consigo esquecer nada.

Não é só o fato de o meu pai não ter vindo me buscar hoje. É o fato de meu pai e eu termos visto um passarinho vermelho em uma árvore em 2011 e eu ter perguntado se ele se lembrava do outro passarinho vermelho que tínhamos visto antes, em 29 de abril de 2009, uma quarta-feira. Ele teve que pensar um pouco antes de responder:

— Lembro.

Mas, pelo jeito que ele falou, sei que não se lembra do outro passarinho vermelho e, por isso, não me sinto próxima dele como gostaria de me sentir.

E é o fato de minha mãe ter dito uma vez:

— Sempre dá certo.

E eu me lembrar na hora a quantidade de vezes que ela disse “sempre dá certo” nos últimos seis meses (vinte e sete). Então pedi para minha mãe adivinhar o número, dando uma dica — mais de dez e menos de cinquenta—, mas, em vez de entrar no jogo, ela apenas disse:

— O que você quer de mim, Joan?

E se afastou.

É o fato das pessoas fazerem cara feia quando eu digo que estão contando errado parte de uma história que envolve todos nós. Então meu pai me explica que, para a maioria das pessoas, lembranças são como contos de fada, o que significa que são mais simples, engraçadas, felizes e emocionantes do que a vida é de verdade. Não entendo como as pessoas podem fingir que alguma coisa aconteceu de um jeito diferente, mas meu pai diz que elas nem notam que estão fingindo.

A Srta. Caroline desce a escada para falar com o homem no carro e eles conversam baixinho. Ele desliga o motor, o que é bom para o meio ambiente, e baixa o assento todo, igual ao meu avô quando quer tirar uma soneca.

A Srta. Caroline sobe a escada e pergunta:

— O que você está desenhando?

Fecho meu diário.

— Nada.

Não ligo se meu futuro marido mostrar meus desenhos para todo mundo quando eu morrer, como a Yoko fez com o John, mas, por enquanto, meus desenhos são uma coisa particular.

John Lennon é o compositor favorito do meu pai, e o meu também. Meu

pai queria que meu nome fosse Lennon, mas minha mãe vetou, o que é uma coisa que as esposas podem fazer, segundo ela. Por isso, papai pôs Lennon como meu nome do meio, e eu me tornei Joan Lennon Sully. O meio é um lugar legal para nomes importantes. O nome do meio de John Lennon era Winston, em homenagem a Winston Churchill, uma pessoa de quem todo mundo se lembra.

As pessoas têm um monte de motivos para não se lembrar das coisas. Elas culpam a falta de energia, os ouvidos que não escutam direito, ou simplesmente estarem ocupadas, velhas ou cansadas demais. Mas, na verdade, é só porque elas não têm espaço suficiente em suas caixas.

Quando fiz cinco anos, minha mãe comprou uma caixa para eu pôr meus desenhos. Ela estava cansada de me ver deixar papéis e projetos espalhados pela casa. Então me pediu para escolher os que fossem mais importantes, porque não havia espaço suficiente na caixa para guardar todos. É assim com o cérebro das pessoas. Ele só tem espaço para as lembranças mais importantes, e o resto é jogado fora. Quando eu sou a coisa que é jogada fora por não ser suficientemente importante, é difícil não ficar triste, igual a quando John Lennon canta no *Álbum Branco: I'm lonely and I wanna die*, me sinto sozinha e quero morrer. Especialmente porque eu nunca jogaria ninguém fora, já que meu cérebro nunca fica sem espaço. Só quero que a história seja justa.

Eu queria ser para sempre alguém importante e nunca ser esquecida, como John Lennon e Winston Churchill, mas sei que não posso. Aprendi alguns anos atrás que meu lugar não está garantido na caixa de ninguém, nem mesmo na da minha avó.

Sábado, 13 de fevereiro de 2010: casa nova da vovó.

— Vovó, sou eu, a Joan.

Ela parece confusa.

— Eu sou a Joan.

— Eu sei, vovó. Eu também sou a Joan. Meu nome é por sua causa.

Papai me tira de perto dela.

— Ela só está cansada, querida.

— Ela não se lembra de mim.

— Lembra, sim. Claro que ela se lembra. Ela só...

— Vovó, sou eu.

Ela tenta. Tenta de verdade. Mas eu não estou lá.

A vovó Joan teve que me tirar da caixa de seu cérebro para ter espaço suficiente para as letras de todas as suas músicas favoritas. Ela se lembrou delas até o dia em que morreu (sábado, 8 de outubro de 2011).

Tentei ajudar algumas pessoas a lembrar, deixando bilhetes e dando dicas. Até prestei atenção quando o noticiário disse que mirtilos fortalecem o cérebro. Pedi para a minha mãe comprar uma caixa grande e fiz minha família comer tudo, mas foi perda de tempo. Se a vovó Joan conseguiu me esquecer, significa que todo mundo pode. Até meu pai.

— Que horas são agora? — pergunto, dedilhando o violão.

— Cinco e cinco.

Um carro está se aproximando rápido, mas passa direto. Toco uma nota grave porque não estou a fim de sons felizes.

A Srta. Caroline olha para as nuvens do céu ensolarado e diz:

— Faz tanto tempo que não chove...

— Na verdade, choveu dia 20 de junho, que foi uma quinta-feira, e isso faz menos de três semanas.

— É mesmo?

— É.

Ela parece impressionada.

— Você sempre teve essa memória incrível?

— Não — respondo. — Fiquei assim depois que caí de cabeça na Home Depot.

A Srta. Caroline ri, mas estou dizendo a verdade. Meu amigo Wyatt sabe tudo sobre histórias em quadrinhos e internet e me disse que cair de cabeça na Home Depot foi o que me deu uma memória autobiográfica altamente superior. E que cair de cabeça na Home Depot *de novo* me faria perder isso. Foi por esse motivo que nunca voltei à loja, mesmo depois de tantos anos.

Eu tinha só dois anos quando aconteceu (tenho dez agora). Papai me pôs de pé na ponta do carrinho de compras laranja e, enquanto ele não estava olhando, eu me inclinei sobre a beirada e caí. Minha cabeça bateu com força no concreto e meu pai gritou, não como grita com outros motoristas, mas como quando não está com luva de cozinha e encosta a mão na parte de cima da

torradeira. Ele me pegou do chão e saiu correndo da loja.

Mas não conto nada disso para a Srta. Caroline, porque ela está ocupada demais olhando para a prancheta. Seu dedo está passando pela folha até chegar ao lugar em que está escrito *contato de emergência*.

— Quem é Jack Sully? — pergunta.

— Meu avô.

Ela contrai os lábios como se estivesse sendo forçada a beijar um homem feio.

— Eu consigo ir andando para casa — digo. — Não moro longe.

— Não posso deixar você fazer isso, Joan.

Ela liga para meu avô e deixa uma mensagem. Já ligou para a minha mãe.

— Isso já aconteceu? De você não conseguir falar com ninguém? — pergunta a Srta. Caroline.

— Não — respondo.

É verdade. Às vezes as pessoas não acreditam que eu consigo analisar todas as minhas lembranças tão rápido, mas não é como se eu estivesse tentando encontrar a única caneta que funciona na gaveta da bagunça da minha mãe. É mais como se eu fosse ligar uma luz e o interruptor estivesse sempre bem embaixo do meu dedo.

— Vamos fazer assim — diz a Srta. Caroline. — Às cinco e vinte, vou ligar para todo mundo de novo. Se a gente não conseguir falar com ninguém, vamos ver se conseguimos ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— Talvez alguém possa levar você para casa.

— Quem? O seu amigo?

— Não — diz a Srta. Caroline. — Mas só vamos atrás de ajuda se todos os outros tiros saírem pela culatra.

Não sei de quem ela está falando nem por que quer manter a pessoa em segredo. Mas penso nas palavras *emergência*, *ajuda* e *tiro* e entendo para quem a Srta. Caroline quer ligar. Continuo olhando para a rua porque estou com medo de olhar para a Srta. Caroline e uma lágrima escapar por acidente.

Eu poderia fugir. Sei me virar em Jersey City, mas, mesmo que consiga chegar em casa, não tenho a chave. Procuro a pequena formiga, mas ela foi embora. Espero que tenha voltado para sua família.

Ouçõ um ronco parecido com o de um trovão e olho para o céu, mas o sol

ainda está brilhando. O ronco fica mais alto e mais próximo e vem de um motor. O motor está dentro de uma grande van branca que aparece no fim da rua. A van buzina e para bem na nossa frente. Na lateral está escrito *Sully & Filhos*. Fico esperando meu avô sair dela, mas é meu pai que desce. Ele explica que houve um acidente na estrada e que a bateria do telefone acabou.

— Sinto muito — diz meu pai. — Muito obrigado por ficar com ela.

— Tudo bem — afirma a Srta. Caroline.

Mas não tem nada bem. O que o papai estava fazendo na estrada? Ele devia estar em casa, trabalhando no estúdio.

Meu pai me ajuda a subir no banco do passageiro e prende meu cinto. Não há bancos na parte de trás, por isso ele está me deixando sentar na frente. O que me faz lembrar de quando me sentei no banco da frente da van velha do papai, quatro anos atrás, e fiquei olhando enquanto ele colocava a bateria no porta-malas. Perguntei se podia ir com ele para Boston e ele respondeu:

— Talvez quando você for mais velha.

Sou mais velha agora, mas ele vendeu a van no ano passado e não toca mais em shows.

— Por que você está com a van do vovô?

— Fui ajudar seu avô hoje.

Meu pai fala como se não tivesse muita certeza das palavras que quer usar. Compositores como meu pai e eu tomamos muito cuidado com nossas palavras.

A parte traseira da van está cheia de ferramentas, o que me faz pensar na Home Depot, o que me faz pensar no único jeito de eu perder meu dom, meu problema, minha doença ou seja lá como você quiser chamar. Já que não posso fazer outras pessoas terem uma memória melhor, talvez eu possa me forçar a ter uma memória ruim.

— Não quero ir para casa — digo.

— Está bem — responde meu pai, tentando parecer animado. — Aonde você quer ir?

Talvez seja finalmente hora de voltar à Home Depot. Eu poderia subir em um lugar alto e pular para minha cabeça bater no chão de concreto. Doeria muito, mas só por um tempinho. Depois eu finalmente saberia o que todos querem dizer quando falam *Eu não lembro* e sempre teria uma desculpa para não ter feito alguma coisa que disse que ia fazer, tipo buscar minha filha no fim

da aula de Apresentação Musical.

Mas eu não quero ir de verdade para a Home Depot. Só quero me sentir melhor. Acho que ficaria feliz se esquecesse coisas bobas, tipo quando as pessoas esquecem o meu “mêsversário”, ou não se lembram de passar protetor solar na ponta da minha orelha, ou esquecem que a palavra que eu menos gosto é *Esquece*. Mas dói demais quando a coisa que as pessoas esquecem sou eu.

Estamos parados em um sinal vermelho e meu pai está tentando chamar minha atenção balançando a mão diante do meu rosto. Em vez de olhar para ele, pego o jornal caído no chão da van e finjo ler.

— Guardei isso para você — diz meu pai.

O jornal está dobrado em uma página específica.

— Qual é o meu nome, pai?

— Do que você está falando?

— Meu nome. Qual é?

Ele responde bem devagar.

— Seu nome é Joan.

— Claro. Você diz isso hoje. Quem sabe o que vai falar amanhã.

Meu pai bufa como se estivesse muito cansado.

— Joan, me desculpe pelo atraso. Não sei o que mais você quer que eu diga.

Olho para o meu colo e vejo algo no jornal que meu pai guardou para mim. Tem muitas caixinhas na página e, dentro de uma delas, cinco palavras escritas em maiúsculas.

CONCURSO “O FUTURO GRANDE COMPOSITOR”

Leio toda a informação contida na caixinha e começo a ter uma ideia nova.

— Me diga aonde estamos indo, Joan. Preciso de uma resposta.

Minha avó esqueceu muitas coisas no fim, inclusive de mim, mas não das músicas. Assim como meu pai às vezes se esquece de comprar leite de amêndoas na loja, apesar de estar na lista de compras, mas sempre cantarola junto cada nota do solo de guitarra de “Beat It”, de Michael Jackson, mesmo depois de ficar anos sem ouvir a música. A melhor coisa da música é que ela nunca para de tocar. Quando meu pai se esquece de alguém como Michael Jackson por um tempo, ele ouve uma das músicas e, de repente, lembra o quanto gosta

desse cantor. Isso porque músicas são lembranças.

— Não posso ficar andando em círculos, Joan.

— Vamos para casa, pai.

— Achei que você não quisesse ir.

— Mudei de ideia.

Meu pai murmura alguma coisa enquanto gira o volante, e a grande van branca gira com ele. Minha cabeça também gira, igual às hélices de um helicóptero, e eu pairo sobre toda aquela sensação ruim. Porque talvez eu tenha achado um jeito de garantir que meu pai, minha mãe, meu avô, a Srta. Caroline e todo o resto do mundo nunca se esqueçam de mim.